

Com Harvey, além de Harvey: uma introdução ao desenvolvimento geográfico desigual *

Julliana Ramos Santiago (UFBA)**

Ihering Guedes Alcoforado (UFBA)***

Este artigo visa ampliar a análise acerca dos desenvolvimentos desiguais no capitalismo a partir da requalificação da Teoria do Desenvolvimento Geográfico Desigual de David Harvey. A contribuição deste autor para este estudo está em apontar para a necessidade de uma interpretação teórica unificada, com o objetivo de desenvolver melhor uma teoria que integra as diferentes formas de manifestação de desenvolvimentos desiguais nos territórios. No entanto, algumas limitações da sua construção teórica precisam ser superadas para que o estudo da dinâmica de funcionamento de uma região reflita uma análise mais concreta e realista dos espaços geográficos.

Nosso objetivo é mostrar que a despeito dos evidentes avanços da contribuição teórica de David Harvey ao estudo da dinâmica regional, sua abordagem se auto-impõe uma limitação que buscamos superar. Com o propósito, portanto, de com Harvey, dá um passo além de Harvey, apoiamos nosso trabalho na contribuição desse autor à Teoria do Desenvolvimento Geográfico Desigual e buscamos superar algumas lacunas do seu pensamento através da sugestão de uma agenda de investigação.

Para desenvolver a teoria do desenvolvimento geográfico desigual, Harvey tenta integrar diferentes modos de pensar o Desenvolvimento Regional para compor sua discussão acerca desse assunto. Ele selecionou quatro linhas de pensamento diferenciadas – historicista, construtivista, ambientalista e geopolítica – e que devem ser consideradas na formulação de uma teoria sobre os desenvolvimentos desiguais. Além dessas dimensões teóricas, Harvey aponta para a necessidade de integrar à análise, o conceito de espacialidade, que tem sido desconsiderado pela maioria das teorias sociais. Nesse sentido, as contribuições das teorias sociais com enfoques temporais e espaciais foram cruciais para a estruturação de sua análise espaço-temporal, que será fundamental para a construção do seu argumento.

Como artifício de integração entre as dimensões teóricas regionais, teorias sociais temporais e teorias sociais espaciais, Harvey combinou quatro condicionalidades radicalmente distintas para compor sua ‘teoria unificada’, quais sejam: a) a inserção material do processo de acumulação do capital na ‘teia da vida’ sócio-ecológica; b) acumulação do capital no espaço e no tempo; c) a acumulação via espoliação e; d) conflitos nas diferentes escalas geográficas. Esses elementos devem ser considerados, juntos, para o desenvolvimento de uma teoria sobre o desenvolvimento geográfico desigual no capitalismo.

Com a condicionalidade ‘inserção material na ‘teia da vida’ sócio-ecológica’, que se refere à interação do homem (ações sociais) com o mundo vivo (sistema sócio-ecológico), Harvey introduz em sua análise uma relação de causalidade entre o mundo vivo e as práticas capitalistas. Com a segunda condicionalidade – acumulação do capital no espaço e no tempo – nosso autor busca analisar o funcionamento da lógica do capital sob os aspectos espaciais e temporais. Para Harvey, a busca incessante em solucionar as crises capitalistas, através da ‘ordenação espaço-temporal’ e da ‘compressão espaço-tempo’, faz com que se crie uma concorrência territorial, e aumente a

* Este artigo faz parte do referencial teórico da monografia da autora Julliana Ramos Santiago para a conclusão do curso de graduação.

** Graduanda do curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e bolsista do Núcleo de Estudos Conjunturais (NEC).

*** Professor do Departamento de Economia Aplicada da Faculdade de Economia da UFBA.

desigualdade entre os territórios e, em decorrência disso, aumente também a vulnerabilidade dos territórios produtivos inseridos no mercado globalizado.

A condicionalidade ‘acumulação via espoliação’ traz explicitamente a idéia de desigualdade entre os territórios, causadas por espoliação de localidades, pessoas e ativos (capital e trabalho). Os desenvolvimentos desiguais são provocados pela ávida busca de acumulação de capital, e muitas vezes, os capitalistas utilizam-se de meios agressivos (espoliativos) para alcançar seus objetivos e garantirem uma certa estabilidade, ao menos temporária, do seu poder capitalista. E, por último, Harvey nos mostra com a condicionalidade ‘conflitos nas diferentes escalas geográficas’ que a questão da escala, tanto temporal quanto espacial, é de vital importância para o entendimento do funcionamento do sistema capitalista, e mais precisamente, do desenvolvimento desigual dos territórios.

A construção teórica de Harvey revolucionou a análise marxista do funcionamento do capitalismo, com a introdução das noções espacial (geográfica), geopolítica e ambiental através da sistematização de sua teoria geral do desenvolvimento geográfico desigual. No entanto, com o objetivo de contribuir com a análise dos desenvolvimentos desiguais, apontam-se algumas lacunas em seu pensamento, identificadas por importantes teóricos como Sheppard, Jessop e Yeung, além das escolas feministas da geografia. São elas: i) subvalorização da conectividade entre os diferentes espaços (determinismo estrutural); ii) subvalorização das dimensões extraeconômicas, mais notadamente os aspectos políticos (a constituição da política e do Estado); iii) generalização de todos os atores sociais à categoria de classe.

Além das limitações de Harvey apontadas por esses teóricos, identificamos outras insuficiências em seu pensamento, já que ele desconsidera alguns aspectos importantes em sua teoria geral, tais como: i) as inovações de natureza organizacional e institucional, tão quanto suas implicações na geração de novas demandas (infra-estrutura) e novos conflitos (distribuição do excedente entre os agentes); ii) a interdependência dos espaços produtivos e a ameaça permanente de integração ou desintegração das cadeias de produção e realização globalizada, porém localizada em determinados territórios produtivos; e por fim, iii) as implicações das manifestações do pluralismo, via ‘redes de poder’, e suas implicações nos processos políticos.

Tendo em vista superar as limitações apontadas, busca-se sugerir uma agenda de investigação com o intuito de complementar alguns aspectos limitados da teoria geral de David Harvey e a formatação de uma análise mais abrangente do desenvolvimento geográfico desigual. Nesta direção, duas trajetórias começam a se delinear: de um lado, a que se apóia na integração do conceito de *relational regions* com os conceitos de *learning regions* e *reflexive regions*, como uma maneira de fazer avançar a teoria do desenvolvimento regional desigual; e do outro lado, a que se apóia na reciclagem do “possibilismo” de A. Hirschman como uma maneira de enfrentar as restrições dos graus de liberdade aos formuladores de políticas imposta pelas visões estruturalistas, a exemplo da de Harvey.